

UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUANTO AOS MOLDES DITADOS PELO CAPITALISMO

Chamenna D'Luca Ladeia da Silva¹

Mariângela Ribeiro dos Santos²

RESUMO

Reportando ao conhecimento à autonomia do ser é que se vê a importância da escola na vida do sujeito como extensão do conhecimento para a vida, no qual o professor consciente auxilia na assimilação do mesmo, sendo que é na escola que esse sujeito passa um tempo considerável como estudante. Na tentativa de chamar atenção para a atuação dos professores, em especial dos professores de educação física, entendendo-a como uma ação resultante do sistema capitalista mediada pelo Estado por meio do currículo explícito e oculto. Expõe-se nessa pesquisa de procedimento bibliográfico questões referentes não só à Escola, como também referentes ao Estado e ao Sistema Capitalista, compreendendo todos estes como formuladores e mantenedores da alienação por meio do instrumento ideologia, para, em consequência, formar corpos dóceis. Conclui-se sob o entendimento de que o currículo oculto é o detentor das verdadeiras intenções da educação, que o esporte realizado na escola sem direcionamento e acompanhamento crítico em sua maioria é mais uma forma de se alienar tanto quem o pratica quanto quem o assiste, reforçando ainda mais a formação de seres reprodutores desse sistema sorrateiro que é o capitalismo, por isso a utilização desse conteúdo da educação física não é ingênua.

Palavras-chave: Autonomia, Professores de Educação Física, Ideologia, corpos dóceis.

INTRODUÇÃO

(...) o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo
corpo produtivo e corpo submisso.
Michel Foucault

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Bahia – UNEB/Campus XII Guanambi-Ba. Email- chamennadluca@gmail.com

² Mestre em Educação Física pela Universidade de Brasília-UnB. Professora Auxiliar do Departamento de Educação Campus XII Guanambi-Ba. Email- marsantos@uneb.br.

A partir da percepção de que o corpo é o único local de existência e expressão do “eu”, que a cultura corporal representa as manifestações de crenças, conceitos e cotidianos de um povo e, que a incorporação dessas é naturalmente histórica é que se vê a importância do conhecimento na vida do sujeito como uma maneira de se apropriar da autonomia.

Caracterizada pela superficialidade e inautenticidade nossas relações e os assuntos importantes para a formação humana e social estão sendo deixados de lado sendo a própria escola é um exemplo disso, pois ela que traz conteúdos frios e desinteressantes, como se não tivesse conexão com o mundo real. É nesse ínterim que se pode dizer que controlando o corpo no sentido de lhe impor limites físicos, psicológicos e comportamentais é o que consiste no êxito do sistema. Priorizam a manutenção de um sistema no qual o ser é enxergado com um número, como uma estatística ou mais um a servir com seu trabalho.

Ao entender a educação como um meio intencional e com seus objetivos estabelecidos previamente é que se alega do papel do professor como importante na vida do ser. Como esta, na época presente, é mais uma forma de se reproduzir a cultura e a divisão de classes, uma marca do capitalismo, é na escola, mais um dos espaços de ação do mesmo, que muitas vezes será garantido sucesso em se ocultar a realidade e inculcar que as diferenças existentes entre as pessoas são naturais e normais para explorar econômica e politicamente.

Avoca-se atenção especial para a educação física, disciplina que lida diretamente com as emoções e reações dos alunos, que tem se resumido atualmente ao esporte – particularmente ao futebol –, pois sua prática está voltada para o rendimento, para o espetáculo, entre outros.

Campeia-se, por meio da pesquisa indireta, constatar qual a função do professor de educação física nas escolas públicas, em sala e quadra de aula, por acreditar que o valor deste na vida do ser está tanto na sua formação profissional quanto em sua formação humana, visto que suas aulas, na maior parte das vezes se resumem ao futebol, a paixão nacional, é que esse estudo se dispõe a abordar de uma maneira crítica tais pontos: Apontar a prática pedagógica dos professores de educação física como resultante de um sistema de redes integradas dos sistemas político, econômico e social; Discutir o papel do Estado na atual situação da

educação e da educação física; Proporcionar a visão de que o uso do esporte, em especial o futebol, não é ingênuo.

O estudo foi dividido em dois tópicos, no qual o primeiro irá tratar de como a educação é utilizada com instrumento de alienação do Estado, sendo este um órgão que atende aos apelos da categoria social mais abastada, os proprietários, com intuito de formar corpos dóceis, corpos produtivos. Já no segundo tópico, será discutido de que forma o corpo e o professor de Educação Física tem sido atingido por essa política e qual efeito irá causar aos alunos, visto que, o currículo de uma escola é resultado desta e é ele que ditará o que é pra ser feito durante os dias letivos.

Capital, Estado, Educação: processos que tentam nos docilizar.

A educação, segundo Brandão (1992), surge a partir do aparecimento dos modos sociais de controle e condução do processo de ensinar- e - aprender, no qual seu tempo, suas regras e seus métodos são sujeitos à teoria da educação (pedagogia), daí, surgem às figuras: a escola, o professor e o aluno. Ele encara a educação como uma maneira de viver dos blocos sociais que invertem e recriam, entre outras, invenções de sua cultura em sua sociedade, que ela existe no pensamento dos indivíduos e na ideologia de seus grupos e é incumbida de transformar sujeitos e mundo.

Freitag (1980) apresenta o sistema educacional como perpetuador da própria estrutura social hierarquizada, ou seja, imposta por uma sociedade à outra. Ainda Bourdieu apud Freitag (1980), diz que o sistema educacional garante a “transmissão hereditária do poder e dos privilégios, dissimulando sob aparência da neutralidade o cumprimento desta função”.

Como no presente o sistema regente é o capitalista, no qual a sociedade é estruturada em classes, decorrente da divisão do trabalho, pautada na apropriação diferencial dos meios de produção: material e imaterial, Freitag (1980) diz que a educação nesse sistema tem duas funções: reproduzir a cultura e reproduzir a estrutura de classes. Ela ainda aprofunda essa afirmação quando diz que uma se manifesta no mundo das representações (campo ideológico) e a outra na própria realidade social, estando ambas intimamente ligadas, e que para essa função obtenha sucesso, não basta apenas que os sujeitos reproduzam somente as

relações de trabalho e classe, tendo também que reproduzir o entendimento que tem dessas.

Partindo de uma concepção que entende o homem como resultante de suas relações delimitadas pelas experiências e aprendizados materiais e imateriais produzidos pela humanidade, é que se pode afirmar que a divisão de trabalho determina os tipos de sujeitos – classes – e suas relações sociais e políticas. A respeito das diferenças de classe que são colocadas como naturalmente construídas Freitag (1980, p.19 - 20) discute que “As desigualdades na sociedade não são percebidas como diferenças geradas histórica e socialmente pelo próprio sistema estabelecido, mas como justas, decorrentes das diferenças naturais entre os homens”.

Daí, a educação, como aborda também Brandão (1992), através do processo ensino-e-aprendizagem dos saberes, crenças e hábitos, é também responsável por criar idéias, símbolos e poderes que irão construir as sociedades, podendo ser uma das formas que o sistema de poder centralizado, o Estado, utiliza para afirmar a desigualdade entre os homens. Assim sendo, o saber, classificado em tipos e graus é que vai assegurar qualificações e direitos diferentes entre os indivíduos, reforçando ainda mais a desigualdade entre eles.

Machado (1999) coloca que o Estado tem o papel de atender basicamente as necessidades do capital, ou seja, da classe que o detém, possibilitando seu fluxo, acúmulo e expansão. Afirma que ele sendo o “mediador” entre as classes dominantes e dominadas, está responsável por manter a “ordem e progresso”, logo, procura manter essa relação diluindo a responsabilidade, em uma situação de crise, na classe menos favorecida. Daí para se chegar a um consenso, utiliza-se de um instrumento massificante chamado ideologia. É através dela que ele manipula, subordina e aliena as classes dominadas.

Como um dos pontos intrínsecos dessa pesquisa é a ideologia, vê-se a necessidade de caracterizá-la. Chauí (2003) disserta a mesma como um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política, a qual vai intervir ou não direta ou indiretamente na práxis do professor, um dos alvos da mesma.

É importante deixar claro a visão que se tem de Estado, sendo que este, segundo Chauí (2003), surge como autônomo, separado dos interesses gerais e

particulares da população, nascido da contradição e separação entre interesses e classes sociais, ele é visto como instituição que rege os interesses supostamente comuns entre ambas às classes existentes.

O Estado aparece como a realização do interesse geral, [...] mas, na realidade, ele é a forma pela qual os interesses da parte mais forte é poderosa da sociedade (a classe dos proprietários) ganham a aparência de interesses de toda sociedade. (CHAUÍ, 2003, p 65)

Pensamentos como o de Brandão (1992), Freitag (1980), Machado (1999) e Chauí (2003) expressam que o Estado, a fim de atender os interesses políticos e econômicos de quem controla, é o pivô entre as relações de controlado e controlador e, que este, vê na educação uma das melhores maneiras de entreter e submeter aqueles que estão a sua mercê, sendo esta bem sucedida, pois ocultam nos conhecimentos não repassados os interesses do grupo a que servem e não a todos como é pregado por ele. Assim,

Sob a aparência de defender uma concepção de mundo universal, justa e neutra em relação a todos os membros da sociedade, o Estado capitalista introduz ao nível da sociedade política e civil a concepção do mundo de classe hegemônica, da burguesia, usando a escola como um dos elementos de sua divulgação, inculcação e penetração. [...]. O Estado capitalista moderno interfere diretamente na infra-estrutura, criando com as escolas “fábricas de mão-de-obra” qualificada. (FREITAG, 1980, p. 40)

Daí, com a lógica de mercado, na qual a educação de qualidade e utilidade para o modelo de produção e reprodução da vida humana é aquela que é vendida, é relevante se pensar na formação do docente, principalmente dos que atuam na rede pública. Será que estes não estão sendo instruídos a reforçar as desigualdades advindas do poder e riqueza, tornando essas naturais e normais, até mesmo sem se darem conta de que o fazem, sendo vítimas de uma ideologia vigente?

A respeito disso, Vasconcellos (2005) afirma que o trabalho do educador é marcado por alienação como qualquer outro, o que para ele

significa dizer que o educador não domina nem o processo, nem o produto de seu trabalho... Assim é muito comum vermos as pessoas trabalharem atuando na base do ‘piloto automático’, que seja, fazendo as coisas de forma mecânica... Tudo isso, por certo, não é um processo voluntário, consciente; há toda uma rede de significações alienadas que é fornecida –

de forma até muito sofisticada – pela ideologia dominante. (VASCONCELLOS, 2005,p. 20)

Apple (1989), diz que a ideologia esta vinculada ao Estado e não é um fato acabado, mas um processo que busca consenso, no qual as classes dominantes mantêm a hegemonia sobre os dominados, sendo a escola e o Estado, locais que tentam mascarar as contradições da realidade social, econômica e política, assim, a educação como parte integrante do Estado, procura esse consenso ativo como também disserta Freitag:

Localizada no ponto de intersecção da infra-estrutura dos aparelhos repressivos e ideologicos do Estado, a escola preenche a função básica de reprodução das relações materiais e sociais de produção. Ela assegura que se reproduza a força de trabalho, transmitindo as qualificações e o savoir faire necessários para o mundo do trabalho: e faz com que ao mesmo tempo os individuos se sujeitem à estrutura de classes. Para isso lhe inculca, simultaneamente, as formas de justificação, legitimação e disfarce das diferenças e do conflito de classes. Atua assim, também, ao nível e através da ideologia. (FREITAG,1980, p. 33)

Com uma análise mais cautelosa, ver-se que o sistema educacional, quanto aos modos de metodologias e avaliações, são para homogeneizar os alunos, esquecendo-se das diferenças, tanto biológicas, sociais, como culturais.

A exemplo tem-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), parâmetros consolidados pelo Ministério da Educação, no qual Rodrigues (2002) discute sobre o mesmo e aborda que sua origem é vinculada às exigências da globalização e do sistema neoliberal, no qual é observada a influência do Banco Mundial, que para conceder seus empréstimos dita suas tarefas e orientação didáticas a serem seguidas pelos professores, superestimando o papel da escola, desconsiderando os conflitos étnicos e de classe social, reforçando o conformismo social.

Conforme ele, além de mecanismos de controle social, os PCNs, são parâmetros a se seguirem quando se age acriticamente, porque possui um discurso superficial e confuso, e sustenta o ecletismo com palavras vistosas buscando um consenso.

Sobre a ótica de que o detentor das verdadeiras intenções dos modos educacionais é o currículo oculto é que se deve ter bastante atenção com o mesmo para não nos tornarmos vítimas em potencial deste.

Martins (2005) traz a fragmentação e desumanização do trabalho humano como resultado da dicotomia teoria e prática, advinda do capitalismo e seu modo de produção. Consequentemente, a forma de organização dos currículos escolares, responsáveis pela construção e distribuição do conhecimento, é uma maneira positiva de passar e reproduzir valores e crenças na escola, através da prática pedagógica não questionada e nem analisada.

Concordando com Apple (1989), é possível afirmar, ainda hoje, que as disciplinas escolares, ou seja, o currículo explícito e oculto, nas escolas são distribuidores do conhecimento ideológico e de valores, e não a sustentação da autonomia, processo esse diferenciado entre pessoas de níveis econômicos e sociais diferentes.

O currículo oculto, ações intencionais nas entrelinhas do currículo explícito, segundo Maciel (2007), é determinado desde os objetivos do projeto escolar até a prática do docente, e que quando o professor não atribui valor aos conhecimentos anteriores dos alunos ele favorece a reprodução cultural.

Nesse âmbito, o texto *Ginástica como Conteúdo de Ensino - uma proposta de programa para 1º e 2º graus*, Escobar e Taffarel (s/d) , defende a teoria do conhecimento que privilegia a apreensão do mundo através da unidade teoria prática, ou seja, a práxis, dentro do processo ação-reflexão-ação, assim, segundo elas, o currículo ampliado é dependente do trato com conhecimento, se materializando por meio de reflexão do aluno sobre o aprendizado adquirido, possibilitando a interpretação, compreensão e explicação de sua realidade social.

Ao observar que o trato com o conhecimento é a forma responsável pela ampliação do currículo é que se deve dar uma atenção maior á formação do docente, pois é este quem de fato põe em ação ou não as propostas do currículo.

Vasconcellos (2005) traz que *“Conhecer como se dá o conhecimento no processo pedagógico é ajudar a eliminar a determinação social dos destinos dos alunos”*, ou seja, o professor que têm ciência de sua importância no processo ensino-aprendizagem sabe que isso é que o ajuda na interação com os alunos garantindo seu desenvolvimento e emancipação.

E por que se discutir o papel do professor levando em consideração os sistemas políticos, econômicos, sociais, se esta é uma ação pedagógica?

A vida do ser em si é vivenciada na sua totalidade. Por isso não existe pensar no professor como mero mediador de conhecimentos. O professor é, antes de

qualquer coisa, um influenciador de seus alunos. Assim este tem que pré-entender que ele é direta ou indiretamente responsável por superar ou não a realidade desigual que vem sendo construída e mantida historicamente.

Antes de tudo, por muito do que acontece em sua prática tem influência ou regulação externa (não dá para explicar a prática pedagógica por ela mesma). Além disso, não podemos perder de vista que sua ação tem a ver com uma opção política, tenha ele consciência ou não, uma vez que através dela está interferindo no destino da polis, contribuindo para a continuidade do que vem sendo historicamente, ou para superar suas contradições, em direção a uma sociedade mais justa, livre e solidária. (VASCONCELLOS, 2003, p.17)

Vasconcellos (2003) segrega os valores em que se tem o professor e a escola em virtude das percepções a depender da posição social de quem a julga, como por exemplo:

- Do ponto de vista dominante que vê na escola um meio de formação de mão-de-obra; inculcação ideológica; seleção de aptos; interesses eleitoreiros; comércio (cursinhos, material didáticos, apostilas, faculdades, enfim, fábricas de diplomas).
- Do ponto de vista da população que enxerga na escola, ou ao menos espera que assim seja, uma maior escolaridade; ascensão social; exigência social (mão-de-obra qualificada); assistência social (merenda, vacinação, psicólogos); sociedade de tempo livre; campo de trabalho; a escola como agência de trabalho socializadora (mulher trabalha fora de casa, sobrecarga de trabalho e a falta de segurança inculca nas escolas às responsabilidades de desempenhar esses papéis)

Diante disso, segundo Vasconcellos (2003), pode-se afirmar que cai sobre a escola as responsabilidades de desempenhar papeis tendo em vista as exigências para o trabalho, a valorização da criança no âmbito social, além de preparar os sujeitos para as drásticas mudanças futuras, podendo ser enfática em ressaltar que desempenha esse papel sendo um tanto superficial.

A respeito do papel do professor na atualidade, ele afirma ser descartável a função do mesmo, ao passo que o Estado e a Sociedade já não precisam desse para inculcação ideológica e nem formação de mão-de-obra qualificada, considerando que as inovações tecnológicas reduzem a demanda de mão-de-obra e que a sociedade já não enxerga o professor e a escola como meios de ascensão

social. Discordando do mesmo, é aí se deve destacar o papel da escola e do professor enquanto formadores de opiniões, entendendo que estar ou não “em cima do muro” também é estar posicionado. Sua função como mantenedores é muito importante, sendo sucateadores do ensino para não comprometer o sistema que rege o mundo real capitalista, o qual considera desinteressante que as escolas e os professores alertem seus alunos quanto às redes alienantes ao seu redor.

Logo, a educação é vista como um dos meios responsáveis pela formação de seres para o mundo do trabalho e reforço do sistema capitalista que enxerga estes sujeitos como futuros trabalhadores dóceis, na qual o professor é tão somente o mediador dos conhecimentos necessários à esse mundo.

A práxis educativa é uma forma de ideologia e, enquanto tal, tem como modelo o trabalho, isto é, o pôr teleológico. Através da educação se transmitem os conhecimentos e os valores necessários para a reprodução social. Sendo assim, é um complexo insuprimível da reprodução social, assim como a ideologia e o trabalho. Em uma palavra: a educação é uma categoria eterna da vida humana. (PINHO, 2009 ,p.5)

Ensinam aos alunos a obediência à ideologia dominante no qual seus assuntos são pré-determinados e suas discussões são acabadas, não possibilitando autonomia ao pensar.

O corpo e a Educação Física: a realidade na escola

Como afirma Medina (1992), as nossas relações têm sido caracterizadas pela superficialidade e inautenticidade, os assuntos relevantes para a formação humana e social estão marginalizados. Ele aponta a própria escola como um exemplo marcante disso, que traz conteúdos frios e desinteressantes, como se não tivesse conexão com o mundo e com nós mesmos.

Tanto Medina (1992) quanto Darido (2005) reconhecem que o corpo e a consciência são os princípios do conhecimento, pois entendem que conhecer o próprio corpo é conceber sua própria existência. Assim, a partir daí, conhecem os outros, a cultura e começam a aprender, a entender e a questionar as relações existentes no seu ambiente. A importância do reconhecimento corporal e de suas possibilidades interagindo com sua subjetividade, vem do descaso com o sentir, pensar, agir e pensar novamente.

Darido (2005) pontua que conhecer o corpo não é só saber quais suas partes e o que mais podem fazer elas, e sim, confrontar as ideologias que reduzem suas

possibilidades e que o fragmentam. Entende que o corpo é um inteiro e ao mesmo tempo possui ligações com os outros sujeitos e o ambiente, que essas relações são estabelecidas por nossos aspectos pessoais.

É válido salientar a importância do ser humano, alvo do trabalho docente, que muitas vezes é segregado em partes por conta de o ambiente esta propiciando uma maior valorização do intelecto, da cognição, como expressa Bruhns (1984). A necessidade em se trabalhar o corpo como um todo e não dicotômico é para que haja continuidade entre as relações homem-homem e homem-mundo, e que o homem saiba da sua existência e sua função não como objeto, mas como sujeito da história, da sua própria história.

O histórico da construção da educação física no Brasil desde seu surgimento aponta a mesma como um instrumento, um meio para se chegar a um objetivo ditado pelas classes dominantes ou governantes, configurados na figura do Estado. Ela, por possuir um extenso histórico de manipulação de massa, entra como peça chave nas escolas para essa tarefa, pois é ela que lida diretamente com os seres, com sua subjetividade, com os corpos.

Pode-se avultar a partir de Bracht (1999), o crescimento da prática esportiva no país nos séculos XIX e XX. Nessa esfera, o esporte era o elevador do próprio país do competidor, essa prática era incentivada, principalmente pelas instâncias governamentais, pois justamente com a quebra dos recordes eram divulgados os nomes dos jogadores e de seus respectivos países de origem, assim, aumentando sua publicidade, turismo, consequentemente mais lucros.

Ghiraldelli (1998) afirma que nesse período a educação física trabalhada nos espaços em que cabia era a competitivista, aquela que objetivava a superação individual e a competição como princípios para a sociedade moderna. A música *salve a seleção*, tema da copa de 1970, que ainda hoje é muito conhecida é exemplo da afirmação anterior. Ela evidencia o papel tanto do jogador quanto dos torcedores brasileiros que se uniam no momento de jogo para exaltar a própria pátria. Veja o trecho:

*“Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil, no meu coração
Todos juntos, vamos pra frente Brasil
Salve a seleção!!!*

*De repente é aquela corrente pra
frente,
Parece que todo o Brasil deu a mão!*

*Todos ligados na mesma emoção,
tudo é um só coração!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!*

*Salve a seleção!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!
Salve a seleção!
Gol!...*

(Música: Pra Frente Brasil, Cantor Angra;
Composição: Miguel Gustavo, Tema da Copa
de 1970)

É importante lembrar que na atualidade a televisão tem bombardeado com propagandas a importância do professor de educação física, principalmente na escola, como responsável por encontrar alunos aptos a serem campeões, relembrando que o Brasil sediará a próxima copa do mundo de futebol de 2014 e em 2016 sediará as Olimpíadas.

Ao notar as escolas, crianças saem do 5º para o 6º ano – antiga 4ª e 5ª séries- e se deparam com os esportes, muitas vezes, sem ter bases de reconhecimento corporal e de suas possibilidades de movimentos, o que torna essa prática mais difícil e desinteressante, e para alguns constituindo um choque, está aí, talvez, um dos pontos do grande número de evasão nas aulas de educação física.

Ao observar as práticas mais registradas nas aulas de educação física escolar é visível que hoje ela é renegada e tratada como passa-tempo tanto para o professor quanto para o aluno, ou é tratada como um instrumento disciplinar e ordeiro, com a sua utilização exarcebada através do esporte, ora deformadas pelo famoso “baba”-bate bola- sem nenhuma reflexão, ora pela sua prática tecnicista desvinculada de significado real para quem a pratica. Vê-se, desse modo, que o esporte é um dos conteúdos mais difundidos atualmente.

A dualidade reforçada pelas práticas escolares leva aos alunos entenderem a educação física como jogar bola. Teixeira (2007) expõe que o espaço, sem sombra sem assento, contribui para que o mesmo solicite: *“Vamos jogar! Não fale! Não explique!”*, e o professor enfadonho, abre mão do conteúdo a ser ensinado. Está aí, uma das razões, talvez a mais forte, de o professor fingir que dá aulas de educação física.

Segundo Sigoli e Júnior (2004) o esporte é suscetível à utilização política, pois, entre outros fatores, é uma atividade de fácil compreensão, no qual o Estado utiliza a tensão emocional para transmitir seus objetivos e ideologias, além de ser o esporte o reflexo dos valores existentes na sociedade capitalista.

A mídia aqui entra com um papel importante nesse processo. Ela é responsável pela massificação desse na sociedade, pelo fator negócios. Tubino (2001) aponta vários efeitos sócios negativos a respeito do esporte como: a reprodução compulsória do esporte –performance na educação–, a violência, a discriminação contra a mulher, o uso ideológico-político do mesmo, além da preponderância da lógica do mercantilismo, apontando a mídia como crucial para que esses fatores sejam repassados.

Betti (2002), diz que não existe esporte na mídia e sim apenas e tão somente esporte da mídia, pois a agressão, competitividade, a beligerância fazem do mesmo um esporte espetáculo. Assim, dizer que o esporte aliena é pelo fato de a forma que é realizado na escola fomenta a reprodução da Indústria Cultural, o que de acordo com Sigoli e Júnior (2004), “seu consumo esta baseado nas leis de mercado” e na construção de heróis riquíssimos e saudáveis, além de seus princípios fundamentais que é o ideal de vitória, ou seja, vencer a qualquer custo, e o de ser o melhor – mitos que a mídia inculca na cabeça dos telespectadores.

Le Boulch (1987) critica a concepção da formação pelo esporte, pois, essa está voltada para a prática do movimento e para o rendimento, e essa busca pela eficácia pode resultar em um conceito de um “corpo instrumento”, fato ligado diretamente ao adestramento.

A necessidade em se trabalhar o corpo como um todo e não dicotômico é para que haja continuidade entre as relações homem-homem e homem-mundo, e que o homem saiba da sua existência e sua função não como objeto, mas como sujeito da história, da sua própria história.

A importância, antes de conhecer os esportes do reconhecimento corporal e de suas possibilidades interagindo com sua subjetividade, vem do descaso com o sentir, pensar, agir e pensar novamente na escola.

Darido (2005) pontua que conhecer o corpo não é só saber quais suas partes e o que mais podem fazer elas, e sim, confrontar as ideologias que reduzem suas possibilidades e que o fragmentam. Entende que o corpo é um inteiro e ao mesmo tempo possui ligações com os outros sujeitos e o ambiente, que essas relações são estabelecidas por nossos aspectos pessoais, é assim, que segundo ela, que são construídas as relações interpessoais, e por consequência a assimilação de sua realidade.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com o intuito de perceber as relações entre os sistemas político-econômico e social e a educação, de modo que a mesma se aproxime da realidade, além de explorar os resultados que estes geram para os professores de educação física do Brasil. É do tipo indireta, ou seja, uma pesquisa com procedimento bibliográfico, e qualitativa do tipo histórico-estrutural, pois

... parte da descrição que entenda captar não só aparência do fenômeno, como também de sua essência. Busca, porém, as causas da existência dele, procurando explicar sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por emitir as consequências que terão para a vida humana. (TRIVIÑOS, 2007, p. 129)

A pesquisa em questão foi confeccionada a partir do método dedutivo, que, de acordo com Gil 2006, *“é o método que parte do geral e, a seguir, desce ao particular”*, desenvolvida por meio da técnica da análise dos conteúdos. Este estudo constitui-se em uma pesquisa explicativa, pois, procura identificar os fatos que conseqüentemente contribuem para a ocorrência de um fenômeno.

São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. (GIL, 2006, p.44)

A partir da leitura criteriosa e confecções de fichamentos em torno dos materiais lidos foi escrito este artigo, tentando se aproximar das linhas de pensamento Materialista Histórico Dialético.

Contém ideias convergentes a respeito do tema em questão, destacando-se os seguintes autores: Brandão (1992), Freitag (1980), Apple (1989), Darido (2005), Medina (1992), Bracht (1999), entre outros, além de fontes encontradas em sites na internet com seus respectivos endereços eletrônicos e data de acesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura, conhecida como apanhado de conhecimentos e modo de viver de um determinado povo é responsável de certa forma pela maneira em que o sujeito

se enxerga e comporta perante a sociedade, por isso, é válido salientar a importância do ser humano como alvo do trabalho docente, que muitas vezes é segregado em partes por conta de o ambiente não só da escola estar propiciando uma maior valorização do intelecto, da cognição.

Por ser a educação um meio intencional e com seus objetivos estabelecidos previamente – pelo Estado na figura do sistema educacional –, é que a educação física, que lida diretamente com os seres e suas implicações, tem a facilidade de possibilitar ao aluno que reflita, criando assim sua visão crítica a respeito de seu convívio com a sociedade e de tentar questionar muitas situações tidas como naturais, mas que na verdade na maioria das vezes são impostas.

Como nossas relações têm sido caracterizadas pela superficialidade e inautenticidade, os assuntos importantes para a formação humana e social estão sendo deixados de lado muitas vezes e a própria escola é um exemplo disso, pois que traz conteúdos frios e desinteressantes, como se não tivesse conexão com o mundo real. É aqui que se pode dizer que controlando o corpo no sentido de lhe impor limites físicos, psicológicos e comportamentais é o que consiste no êxito do sistema. Priorizam a manutenção de um sistema no qual o ser é enxergado com um número, como uma estatística ou mais um a servir com seu trabalho.

Nesse contexto, o corpo e suas possibilidades tornam-se sonogados em detrimento do intelecto, fato esse que a escola aponta como centro de sua atenção, e nas aulas de educação física o adestramento é o fim, ao passo que evidencia a prática pela prática. Desconectam o corpo de suas sensações mais íntimas no momento em que querem manter a disciplina de acordo com um modelo de aluno exemplar, sendo este, aquele que é quieto e tira notas e/ou conceitos acima da média. Por isso, pode-se afirmar que seus métodos e avaliações homogeneizam os estudantes.

O educador, muitas vezes sem ter consciência, faz com que seus discentes acreditem que as diferenças existentes entre os sujeitos são naturais, normais e benéficas ao desenvolvimento tanto humano quanto social, de uma forma sutil. Seu discurso é reflexo ideológico de falsas construções geradas pelo sistema capitalista, que encontrou brechas na própria educação para isso. Esse sistema é sorrateiro, pois inculca valores sem significação alguma para a vida real aos alunos, futuros reprodutores em potencial do mesmo.

É, acima de tudo, o papel do professor ajudar na formação humana de seus alunos para que esses possam se apropriar crítica e conscientemente dos conhecimentos, é papel do mesmo possibilitar autonomia a estes, na forma de lei própria, no intuito de uma leitura de realidade e saber os condicionantes que os induzem a certas escolhas.

Reverter o atual papel do professor de educação física – instrumento de manutenção desse sistema– é uma difícil tarefa, pois são vários anos de descaso com a disciplina. Esse professor tem que ter noção de que lida diretamente com pessoas as quais vão difundir suas experiências dentro da sociedade, e eles, como professores, devem repensar sua práxis para que ao menos não faça com que ela seja mais um dos meios capitalista de reprodução e reforço das desigualdades de classe.

Sobre a ótica de que o currículo oculto é o detentor das verdadeiras intenções dos modos educacionais é que se pode-se afirmar que o esporte praticado nas escolas, sem direcionamento e acompanhamento crítico e questionador, advindos das políticas educacionais juntamente com as concepções intrínsecas da mídia, é mais uma forma de alienar os sujeitos que o pratica e o assiste, e por isso sua utilização não é ingênua . O esporte é suscetível à utilização política, pois, entre outros fatores, é uma atividade de fácil compreensão, no qual o Estado utiliza a tensão emocional para transmitir seus objetivos e ideologias, além de ser o esporte o reflexo dos valores existentes na sociedade capitalista.

Com base nos motivos explicitados pelos autores anteriormente é que se pode asseverar que a educação física tem plenas condições de despertar nos alunos uma posição reflexiva em torno do seu papel como sujeito agente de sua própria história e que a realidade nada mais é do que reflexo dessa construção histórica.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

APPLE, M. W. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BETTI, M. **Esporte na mídia ou esporte da mídia?** Motrivivência, 2002. <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/index> Acessado em 05/11/2010.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física.** Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, agosto/99. <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf> Acessado em: 08/09/2008.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?.** 33ª Ed. Brasiliense, São Paulo. 1992.

BRUHNS, H. **Conversando com o Corpo.** Campinas: Papirus, 1984.

CHAUÍ, Marilena. **O que ideologia.** Coleção Primeiros Passos São Paulo: Brasiliense, 2003.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

ESCOBAR; TAFFAREL. M. O.; C. N. Z.. **Ginástica como conteúdo de ensino –** uma proposta de programa para os 1º e 2º graus.http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/575.htm. Sem Data. Acessado em 26/09/2008.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade.** 4º ed. rev. São Paulo: Moraes, 1980.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GHIRALDELLI JR., P. **Educação Física Progressista.** São Paulo: Loyola, 1998.

SIGOLI, D. R.; JÚNIOR, M. A. **A história do uso político do esporte.** Revista Bras. Ciência e Movimento, v.12, n. 2, p. 111-119, junho/2004.

LE BOUCH, J. **Educação Psicomotora:** psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MACHADO, E. M. **O valor do trabalho no Estado brasileiro.** Serviço Social em Revista. Vol.1 Número 2 Jan/Jun 1999. http://www.ssrevista.uel.br/c_v1n2_trabalho.htm. Sem Data. Acessado em 08/09/2008.

MACIEL, C. **Reflexões sobre o currículo oculto nas séries iniciais.**<http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/reflexoes-sobre-curriculo-oculto-nas-series-iniciais.html>. Acessado em 12/09/2008.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Coleção Temas Sociais. Petrópolis- RJ, ed vozes, 1994.

MARTINS, M. N. **O Currículo Oculto na Prática Pedagógica.** <http://200.178.178.137/revistaeduvale/artigos/artigo01.pdf>. Acessado em 12/09/2008.

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo – e mente: base para a renovação e transformação da educação física.** 10^a Ed, Coleção Krieses, Campinas, SP: Papirus, 1992.

PINHO, M. T. B. de. **Ideologia, Educação e Emancipação Humana em Marx, Lukács e Mészáros.** XII Conferencia Anual 23-25 julho 2009. <http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/51T.pdf>. Acessado em 15/03/2012.

RODRIGUES, A. T. **Gênese e sentido dos parâmetros curriculares nacionais e seus desdobramentos para a educação física escolar brasileira.** Rev. Brás. Cienc. Esporte.Campinas,v.23,n.2,p.135-147,jan.,2002.<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/rbce/article/viewfile/275/258>. Acessado em 08/09/2008.

TEIXEIRA, A. H. L. **O Lugar da Educação Física na Escola.** Presença Pedagógica, v.13, n.75, p.23-29, mai./jun. 2007.

TUBINO, M, J, G. **Dimensões sociais do esporte.** 2º ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2007.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção do Conhecimento em Sala de Aula.** 16^a Ed, Cadernos Pedagógicos do Liberdat, v.2, São Paulo: 2005..

Para onde vai o professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação. 10^a Ed, Coleção Subsídios Pedagógicos do Liberdat. v.1, São Paulo: Liberdat, 2003.